



SILAS CUSTODIO

**RELAÇÕES CRONOTÓPICAS E EXOTÓPICAS DE
SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE CRIOGENIA**

**LAVRAS - MG
2020**

SILAS CUSTODIO

**RELAÇÕES CRONOTÓPICAS E EXOTÓPICAS DE SUJEITOS EM SITUAÇÃO
DE CRIOGENIA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras como parte das exigências do Curso de Letras, para obtenção do título de Licenciado.

Orientador
Prof. Marco Antônio Villarta-Neder

**LAVRAS - MG
2020**

SILAS CUSTODIO

**RELAÇÕES CRONOTÓPICAS E EXOTÓPICAS DE SUJEITOS EM SITUAÇÃO
DE CRIOGENIA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras como parte das exigências do Curso de Letras, para obtenção do título de Licenciado.

APROVADA em ____ de _____ 2020.

Prof. Dr. Marco Antonio Villarta-Neder Departamento de Estudos da Linguagem/UFLA

Profa. Dra. Helena Maria Ferreira Departamento de Estudos da Linguagem/UFLA

Profa. Natália Rodrigues Silva do Nascimento Programa de Pós Graduação em Letras/UFLA

Profa. Dra. Mauricéia Silva de Paula Vieira Departamento de Estudos da Linguagem/UFLA

Orientador
Prof. Marco Antônio Villarta-Neder

**LAVRAS – M
2020**

Dedico este trabalho a Deus, pois, sem Ele eu nada seria.

A meus pais José Custódio Sobrinho e Rita Custódio Campos (in memoriam):

Aos meus irmãos: Melchior, Nilce, Ana Rita e Paulo César:

À Bel, companheira, hoje amiga:

Aos meus filhos: Izabella, Izadora e Gabriel:

A você que mesmo de longe se faz de perto:

*À Professora Ana Maria Kiehl pelos muitos "Não Pare":
"Conte comigo":*

*Ao mestre Marco Antonio Villarta Neder, pelas
(re)significações.*

À Neusa:

À Prof^a. Helena Maria Ferreira:

À Prof^a Mauricéia Silva de Paula Vieira:

Ao Arthur:

A todos, meu reconhecimento por todo apoio para que fosse possível minha chegada até esta etapa da minha vida.

A Fabiano Lino – O Charlie Brown – (In memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus colegas de sala, da turma 25 A e todos os demais que durante esta trajetória compartilharam comigo dos momentos de aprendizagem e realizações de trabalhos e discussões, dentro e fora da sala de aula cooperando imensamente para que eu pudesse alcançar vitórias e superação durante estes quatro anos. Aos professores do DEL (Departamento de Estudos da Linguagem) e do DED (Departamento de educação) por cada ensinamento; por serem inspiração; por construírem comigo uma trajetória rumo ao preparo para exercer a atividade profissional com o mesmo engajamento que neles percebi. Aos meus colegas do GEDISC (Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin) por todas as discussões que sem dúvida cooperaram para a realização da minha formação e construção do TCC. A CAPES/CNPq pela oportunidade e fomento financeiro através do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), oportunidade essa graças ao Professor Villarta e à Professora Helena que cooperaram sobremaneira para minha aprovação e qualificação neste programa. À Suely, supervisora do PIBID; às Escolas Dora Matarazzo e Álvaro Botelho pelas oportunidades nos momentos de estágio; aos Professores supervisores de estágio, Lúcia, Patrícia e Gabriel pelos ensinamentos das práticas de ensino-aprendizagem, em sala de aulas. À Direção, Chefes de departamentos, aos Servidores e tantos outros colaboradores da Ufla, pelos serviços prestados e pelo empenho e dedicação para oferecer um ensino de qualidade em um ambiente agradável de se ter. Da mesma forma, eu não poderia deixar de agradecer ao pessoal das cantinas pela atenção. Enfim, a todos aqueles que fazem parte da Universidade Federal de Lavras – UFLA E Todos, à sua maneira, são merecedores da minha gratidão neste período da minha formação como Professor.

RESUMO

Há uma tecnologia que permite congelar um corpo com um processo de morte supostamente irreversível para que, também supostamente em um futuro, esse corpo possa ser reanimado e o problema que desencadeia a morte seja revertido. Tal processo é chamado de criogenia. Em situações como essa, o sujeito que vai ser submetido ao processo criogênico tem que autorizar o procedimento enquanto ainda tem consciência e o poder pátrio. Enquanto o corpo mantém-se em animação suspensa, outros sujeitos tomarão decisões sobre ele. E, na hipótese de reanimação, esse sujeito ressurrecto terá implicações com relação ao poder pátrio de si quando autorizou o procedimento criogênico e sobre tantas outras questões de natureza ética, jurídica e ontológica. O problema de pesquisa, nesse caso, é constituído pela discussão de como é a constituição desse(s) sujeito(s) nesse percurso que vai desde a decisão de submeter-se à criogenia até o momento (hipotético ou ficcional) de ser reanimado após um período de estase. O objetivo deste trabalho é analisar os enunciados produzidos pelo sujeito criogenado antes e depois da criogenização, verificando como o processo de distanciamento (exotopia/extralocalização) se manifesta na e pela linguagem. Ainda, como objetivos específicos, (1) identificar, no filme *Reviver* (2017), a partir do conceito bakhtiniano de extra-localização, quais as representações que o (s) sujeito (s) envolvido(s) faz(em) de si mesmo(s), dos outros sujeitos e da representação que os outros sujeitos fazem de si, (2) Discutir as implicações da constituição desse (s) sujeito (s) em relação aos discursos científicos, éticos, estéticos. Para isso, este Trabalho de Conclusão de Curso alicerça-se no referencial bakhtiniano, com o recorte dos conceitos de *Sujeito*, *Enunciado*, *Cronotopo*, *Exotopia/Extralocalização*, *Memória e Acontecimento*. O *corpus* deste trabalho é constituído pelo filme *Reviver* (2017), dirigido por Mateo Gil, com elenco Tom Hughes, Oona Chaplin, Charlotte Le Bon. Como metodologia, a partir do conceito de *enunciado*, verificar em quais enunciados os processos cronotópicos e axiológicos se constituem. Os resultados possibilitaram entender como podem tempo e espaço acontecerem como uma única unidade, cronotópica. Isto se faz possível pela maneira como os *enunciados* se encadeiam de forma dialógica, que suscitam outros *enunciados*, factíveis que são na interação exotópica do ser, através dos fatos e acontecimentos, possíveis de serem (re) contados, graças às memórias do passado e do futuro e (3) Analisar a memória como enunciado.

Palavras-chave: Criogenia. Sujeito. Enunciado. Cronotopo. Memória.

ABSTRACT

There is a technology that allows for someone to freeze a body with a supposedly irreversible death process so that, also supposedly in the future, that body can be revived and the problem that triggers death is reversed. Such a process is called *cryogenics*. In situations like this, the subject who is going to be submitted to the cryogenic process has to authorize the procedure while he still has conscience and homeland power. While the body remains in suspended animation, other subjects will make decisions about it. And, in the hypothesis of resuscitation, this resurrected subject will have implications in relation to the homeland power of himself when he authorized the cryogenic procedure and on so many other questions of an ethical, legal and ontological nature. The research problem, in this case, is constituted by the discussion of the constitution of these subject (s) in this path, which goes from the decision to undergo cryogenics until the moment (hypothetical or fictional) to be resuscitated after a period of stasis. The aim of this work is to analyze the statements produced by the cryogenized subject before and after cryogenization, verifying how the process of distancing (exotopy) manifests itself in and through language. Still, as specific objectives, (1) to identify, in the film *Revival* (2017), based on the Bakhtinian concept of extra-localization, which representations does the subject (s) involved make of themselves, other subjects and the representation that other subjects make of themselves, (2) Discuss the implications of the constitution of these subject (s) in relation to scientific, ethical, aesthetic discourses. For this, this Course Conclusion Work is based on the Bakhtinian framework, with the clipping of the concepts of Subject, Utterance, Chronotope, Exotopy, Memory and Event. The corpus of this work consists of the film *Revival* (2017), directed by Mateo Gil, with cast Tom Hughes, Oona Chaplin, Charlotte Le Bon. As a methodology, from the concept of utterance, to verify in which utterances these chronotopic and axiological processes are constituted. The results made it possible to understand how time and space can happen as a single unit, chronotopic. This is made possible by the way the utterances are linked in a dialogical way, which provoke other utterances, which are feasible in the exotopic interaction of being, through facts and events, possible to be (re) told, thanks to the memories of the past and the memories of the future and (3) Analyze memory as utterance.

Keywords: Cryogenics. Subject. Utterance. Chronotope. Memory.

SUMÁRIO

| | | |
|-----|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO | 12 |
| 2.1 | Compreendendo a criogenia | 12 |
| 2.2 | O sujeito | 13 |
| 3 | ANÁLISE | 26 |
| 3.1 | Observações metodológicas | 26 |
| 3.2 | Uma análise bakhtiniana de <i>Reviver</i> | 26 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 34 |
| | REFERÊNCIAS..... | 37 |

1 INTRODUÇÃO

Desde quando eu tive conhecimento do termo Criogenia, em um teste de Palavras Cruzadas, achei interessante, enquanto processo. O processo de criopreservação passa por implicações diversas, na perspectiva das atividades humanas, e de seu próprio desenvolvimento. Este termo refere-se à uma tecnologia que permite congelar um corpo com um processo de morte supostamente irreversível para que, também supostamente em um futuro, esse corpo possa ser reanimado e o problema que desencadeia a morte seja revertido (REVISTA SUPERINTERESSANTE, 2018). Em situações como essa, o sujeito que vai ser submetido ao processo criogênico tem que autorizar o procedimento enquanto ainda tem consciência e o poder pátrio de si e de tudo quanto tenha como posse pessoal. Enquanto o corpo mantém-se em animação suspensa, outros sujeitos tomarão decisões sobre o sujeito criogenado. E, na hipótese de reanimação, esse sujeito ressurreto/reanimado terá implicações com relação ao poder pátrio de si quando autorizou o procedimento criogênico e sobre tantas outras questões de natureza ética, jurídica e ontológica.

Inicialmente me parecia uma proposta impossível levando-se em consideração que eu não dispunha, na época, de muitas informações possíveis, mas, de certa forma ficou em mim, no mínimo, uma curiosidade. Anos mais tarde, em um outro contexto (eu havia decidido voltar a estudar regularmente, passados quase quarenta anos) e, começando a cursar Direito, vieram-me novamente à mente as fundamentações e as latentes curiosidades sobre criogenia. De maneira mais aprofundada, pensei em como se dariam os encaminhamentos dos processos dentro do Direito das sucessões. No momento em que um elemento criogenado, ainda que teoricamente, mantinha em si e para si, o direito sobre suas posses e realizações nos tempos de vida saudável em detrimento ao direito de herança de seus possíveis herdeiros, permanece deste modo em estado de “suspensão”. O tempo de espera das evoluções da ciência com relação a doença que o havia levado a passar pelo processo criogênico pode ser indeterminado. Estaria assegurado ao Paciente (elemento criogenado) todos os seus direitos quando em vida? No caso do Brasil, não há uma legislação específica sobre o tema, mas poderia ser o primeiro passo para uma pesquisa e posterior discussão, agora com embasamento jurídico. Como meus estudos no referido curso foram interrompidos, por razões particulares, novamente ficaram em suspenso minha curiosidade sobre o tema.

Mais tarde, voltei à Universidade, desta vez como graduando em Letras pela Universidade Federal de Lavras. No período 2017/2 mais precisamente na disciplina GEL

143 – Discursos da Escrita, discursos sobre a escrita – uma das discussões propostas pelo Professor Villarta, de certa forma “ressuscitou” em mim a criogenia (fazendo uma analogia à criogenização desta curiosidade, ou seja, relacionado ao período de congelamento devido à interrupção dos estudos). A discussão se dava em torno do *sujeito*, visto como um ser posicionado – no tempo, no espaço, na cultura, na ideologia. Este fato me impactou e de imediato me remeti ao processo criogênico, agora de uma forma ainda mais ampla, quando já não mais era uma única implicação tratada pelo direito, mas sim, dentro de um recorte enunciativo-discursivo.

Minha dúvida, naquele momento, era se a inquietação iniciada no Curso de Direito também seria possível de ser discutida e estudada no campo dos estudos da linguagem. Eu já começava a participar do grupo de pesquisa GEDISC/UFLA/CNPq (Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin) e, ato contínuo, descobri que tal inquietação cabia naturalmente nas questões propostas pelo Filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, que cada vez mais me fascinava.

Assim nasce o que agora passa ser meu objeto de pesquisa para o TCC – Trabalho de Conclusão de Curso - orientado, obviamente, pelo Professor Dr. Marco Antonio Villarta-Neder, no qual discutiremos, baseados na Filosofia da linguagem, a partir do referencial do Círculo de Bakhtin, conceitos outros, além do Sujeito, tais como: Enunciado, Cronotopo, Exotopia, Memória e Acontecimento. Nos referimos, neste momento, a outros conceitos articulados que são, e amplamente discutidos, em praticamente todas as obras de Bakhtin e o Círculo, destacadamente Volóchinov (2017) e Bakhtin (1998, 2011). O problema de pesquisa, nesse caso, é constituído pela discussão de como é a concepção desse (s) sujeito (s) nesse percurso cronotópico que vai desde a decisão de submeter-se à criogenia até o momento (hipotético ou ficcional) de ser reanimado após um período de estase.

Nossa proposta não é gerar uma discussão se o processo criogênico é ou não possível. Se realmente haverá a ressurreição/reanimação do sujeito que passa pelo processo em si, mas, de como estes sujeitos se constituem e quais são os enunciados que, a partir dos conceitos de Bakhtin e o Círculo, são possíveis de serem discutidos, analisados, sendo eles, além do próprio *Sujeito*, *Enunciado*, *Cronotopo*, *Exotopia*¹ e *Memória*.

O *corpus* deste trabalho é constituído pelo filme *Reviver* (2017), dirigido por Mateo Gil, com elenco Tom Hughes, Oona Chaplin, Charlotte Le Bon.

¹ Exotopia é um dos conceitos de Bakhtin que diz respeito ao olhar que o sujeito tem do seu exterior, visto pela posição do outro. Igual definição para Extralocalização.

Propomos como objetivo específico identificar, no filme *Reviver* (2017), a partir do conceito bakhtiniano de extra-localização, quais as representações que o(s) sujeito(s) envolvido(s) faz(em) de si mesmo(s), dos outros sujeitos e da representação que os outros sujeitos fazem de si. Discutir as implicações da constituição desse(s) sujeito(s) em relação aos discursos científicos, éticos, estéticos. Nosso objetivo é analisar os enunciados produzidos pelo sujeito criogenado antes e depois da criogenização, verificando como o processo de distanciamento (exotopia) se manifesta na e pela linguagem.

Como metodologia, a partir do conceito de *enunciado*, verificar em quais enunciados esses processos cronotópicos e axiológicos se constituem. Tal análise será estabelecida por cotejo, já que um *enunciado* se define pela relação retrospectiva que mantém com *enunciados* anteriores e prospectiva em relação a *enunciados* que ele provoca, ainda que como compreensão. Somando-se a isso, enquanto refinamento, a possibilidade da compreensão de como se dão os *sujeitos* no transcorrer dos acontecimentos ao fazer a ligação entre o *sujeito*, no primeiro momento, enquanto se preparando para o processo criogênico, vislumbrando o resultado possível alcançado com o processo e de sua cura; quais os discursos produzidos nos três momentos, considerando se a vida inicial, o tempo transcorrido durante o processo em si, e a possibilidade da constituição de um sujeito pós criogenia, ou seja, ressurreto. Outros sujeitos não de surgir, que não o que passa pela criopreservação, considerando-se os que participam diretamente do processo da laboração da criogenia e suas implicações, e de tantos quantos se envolvam nas discussões e compreensão dos conceitos ora discutidos.

Fundamentamo-nos nas leituras das obras do próprio Mikhail Bakhtin, de Valentin Volóchinov, como também nas discussões dentro do GEDISC/UFLA/CNPq, do qual fazemos parte.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Compreendendo a criogenia

Criogenia é uma área do conhecimento que estuda as baixas temperaturas. É através dela que se desenvolveu a técnica de manter cadáveres congelados por tempo não definido, para ressuscitá-los um dia. A isto dá-se o nome de Crioconservação. Esta técnica já é amplamente explorada e com sucesso, para com embriões, que são óvulos fecundados, conservados em baixíssimas temperaturas, em condições especiais, com grandes chances de sobreviverem com sucesso na ordem de 60% dos casos, originando assim um novo ser biológico.

A dificuldade maior do processo de crioconservação não reside no início do mesmo, ou seja, na preparação e conservação em si, mas está ela diretamente ligada a última etapa do processo, quando da ressurreição. Embora possa parecer ficção, esta técnica já está sendo praticada, nos EUA, em duas instituições: a Alcor Life Extension Foundation e a Cryonics Institute; a primeira em Michigan, e a outra no Arizona. Há uma terceira instituição, localizada em Moscou, na Rússia, a KrioRus. Somados os corpos congelados nestas três instituições chega-se a 350, incluindo neste número algumas cabeças, que também podem ser congeladas separadas do corpo, congelados que estão em tanques de nitrogênio líquido a 196° C negativos, temperatura na qual o cadáver não apodrece.

Inicialmente o processo de criopreservação consiste na drenagem total do sangue, e logo, substituído por um líquido crio protetor, à base de glicerina, o M-22. Com o uso desta substância química evita-se a formação de cristais de gelo causadores de danos significativos nas células do organismo. Feito isto, e de forma gradual, o cadáver é depositado em tanques com nitrogênio líquido, até o fim do processo. Como medida de segurança, para o caso de algum possível vazamento, o corpo é mantido de cabeça para baixo podendo, com isto, haver uma maior proteção para o cérebro. Ele fica no tanque por toda a eternidade ou até que alguém invente uma tecnologia que seja capaz de ressuscitá-lo. Sobre isto o Centro de Criogenia Brasil fornece mais detalhes que podem ser encontrados em: <https://ccb.med.br/noticia/536-criogenia-ja-e-utilizada-na-vida-real-conheca-como-funciona-a-tecnica> no artigo: *Criogenia já é utilizada na vida real: veja como é a técnica.* (2018).

A EDITORA ABRIL apresenta na revista SUPER INTERESSANTE. Com o artigo **O que é criogenia humana?** 2011. (Disponível em:

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-criogenia-humana/>>). Sobre o conceito de criogenia uma visão mais conceitual pode ser encontrada no artigo: **Criogenia: A morte, o Direito e o Futuro. Cryogenics: Death, The Right and The uncertain Future** (2016)².

No texto supracitado Sarreta e Sgarioni (2016) discutem questões do Direito em sujeitos em estado de criogenia, sobremaneira sobre o processo legal

(...) e quais as projeções ou suposições jurídicas que ela refletirá no ordenamento jurídico brasileiro, tendo em vista a total omissão da legislação pátria. Neste aspecto, alguns objetivos foram perseguidos, dentre eles a notória manifestação de última vontade da parte (de cujus), sucessões e o direito da personalidade do morto. (Idem, p. 120)

Com relação ao conceito de criogenia as pesquisadoras trazem uma compreensão jurídica, já estabelecida no julgado em um processo judicial apresentado nesse texto:

A criogenia ou criopreservação consiste na preservação de cadáveres humanos em baixas temperaturas para eventual e futura reanimação e insere-se dentre os avanços científicos que deram nova roupagem a ciência e a medicina, rompendo com antigos paradigmas sociais, religiosos e morais. (Idem, p. 122)

É nesse ambiente que se pretende construir e discutir este Trabalho de Conclusão de Curso.

Foi do Professor de Psicologia da Universidade da Califórnia, James Bedford, o primeiro caso de crioconservação de que se tem notícias. Vítima de câncer nos rins, veio a falecer em 12 de janeiro de 1967, aos 73 anos. Depois de passar por cinco diferentes laboratórios finalmente seu corpo chega, em 1982, ao Alcor, onde permanece até hoje. Entre todos os que passam pelo processo de criogenia está o próprio “pai” da criogenia, o físico Robert Ettinger, (1918-2011). Outros casos famosos são: o astro do beisebol Ted Williams (1918-2002) e o programador Hal Finney, o pioneiro em bitcoin (1956-2014).

2.2 O sujeito

Trazer à baila o entendimento sobre sujeito acredita-se não ser uma tarefa das mais fáceis, para tanto é necessária a compreensão de que não há como conceber o sujeito como

² Disponível em:
<http://conpedi.danielolr.info/publicacoes/02q8agmu/24v1c46x/8qo6R83T8vO0jAI7.pdf>

um ser isolado do mundo, preso em si só, uma vez que a unidade só se estabelece com, em e na constituição de si, por si, para si, do outro, para o outro, uma vez que o sujeito é sempre posto em relação ao outro, considerando-se a teoria bakhtiniana.

Há, portanto, um encadeamento de situações onde, aceitação ou não aceitação fazem com que ele, sujeito, se constitua, na medida em que sucedem se os acontecimentos desse sujeito, que concebe outros sujeitos, numa continuidade das situações dialógicas, nas sucessões de fatos ou eventos, para a continuidade da cadeia enunciativa na relação entre locutor e interlocutor, que sempre gera uma atitude responsiva ativa.

Nesse sentido é que na concepção do outro, em acontecimentos sucessivos e irrepetíveis, pela interação entre os sujeitos do diálogo é que se concebe a linguagem.

De modo que,

Somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o “homem no homem” para outros ou para si mesmo. [...] Aqui o diálogo não é o limitar da ação, mas a própria ação. Tampouco é um meio de revelação, de descobrimento do caráter como que já acabado do homem. Não, aqui o homem não apenas se revela exteriormente como se torna, pela primeira vez, aquilo que é, repetimos, não só para os outros, mas também para si mesmo. Ser significa comunicar-se pelo diálogo. (BAKHTIN, 2013, p. 292-293).

Considera-se que, a partir de Volóchinov (2017), a consciência é território comum entre o falante o ouvinte³ e só ocorre na presença com o outro. Quando nascemos ocupamos um lugar singular, que difere de qualquer outro recém-nascido. Se ocupamos um lugar no mundo não podemos ocupar outros lugares, mas, temos uma relação com outros lugares e espaços, seja na arte, na história, na ciência, na cultura. Agimos como sujeito pensante, capacitados ao raciocínio.

Neste sentido, percebe-se que é pela consciência que, o sujeito, na interação com o outro, ocupa os espaços, ou seja, a *exotopia* se traduz no entendimento de como a relação entre os *sujeitos* se estabelece como valor recíproco, considerados os valores éticos, morais e estéticos.

É esta capacidade de raciocínio que dá ao ser humano a possibilidade de fazer escolhas (sempre nessa relação dialética de se construir com o outro e de ser singularmente único) alcançando com isto, o que é possível de dizer, a base da filosofia, ou seja, a aptidão do homem de tender para um lado ou outro nas questões da vida; do cotidiano, munido da

³ Ou como consta na tradução feita a partir da versão francesa, “território social”

capacidade de discernimento dos valores éticos e morais. É nesse caminho que trafegam as decisões desse ser, dotado da capacidade de compreensão e dimensionamento da vida que se propõe viver.

É nesta condição de ser responsável por suas escolhas ante os questionamentos e desta interação, estando ele posicionado, a partir de um determinado ponto, escolhido ou posto, que ele é concebido como sujeito – posição esta, em relação ao outro, ainda que este seja o *eu-outro* (outro momento de constituição desse eu, no tempo e no espaço).

Há, portanto, um encadeamento de situações onde aceitação ou não aceitação fazem com que ele, na medida em que sucedem se os acontecimentos desse sujeito, que concebe outros sujeitos, numa continuidade das situações dialógicas, nas sucessões de fatos ou eventos, veja a si e ao outro na e pela interação com o uso da língua, como forma de produzir a linguagem.

É através dessa comunicação que ele adquire o conhecimento, pela interação deste sujeito com o outro nos seus diálogos, e é através da sua capacidade de pensar, dizer, ouvir, refletir, pôr, contrapor que ele (re)produz os sentidos em si, de si, para si e para o (s) outro (s).

Um dos pontos inovadores da filosofia da linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin é a de que somente através do diálogo entre os sujeitos do discurso é que se a interação. Esta interação procede através dos enunciados e sua cadeia enunciativa.

O filósofo russo desenvolve sua perspectiva sobre a relação enunciativa, no diálogo. Então:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2018, p. 348)

Portanto, é na relação entre os participantes do diálogo, que através dos enunciados, que provocam outros enunciados, pela percepção que um sujeito tem do outro é que concebem o sentido da conversação. Parece ser possível compreender o enunciado e sua cadeia enunciativa considerando o que Bakhtin fala sobre o sentido e sua função dialética:

O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele deve sempre contatar com o outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto). Um

sentido atual não pertence a um (só) sentido, mas tão somente a dois sentidos que se encontraram e se contactaram. Não pode haver “sentido em si” – ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele. Não pode haver um sentido único (um). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir realmente em sua totalidade. Na vida histórica essa cadeia cresce infinitamente e por isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como que torna a nascer. (BAKHTIN, 2017, pp 41-42).

Percebe-se que quem escreve, no caso dos textos, em qualquer que seja a semiose⁴, ou fala, em se tratando dos diálogos, não o faz para si, mas, para a compreensão e interação com o outro, já que a sua produção tem como alvo um interlocutor, ou seja, o outro, fazendo-o como ato responsável/responsivo, na alteridade de si, para si, do outro para si e para o outro.

Nesse entendimento é que os sujeitos se constituem, na relação entre as construções dos projetos Nesse de dizer. Assim: "A compreensão como construção não pode contar com o contexto axiológico-entonacional de um dado texto (GERALDI, 2010 p.3), de forma que:

Os limites das unidades (de cada ação e do ser-evento que sou) não são sempre tangíveis, fixos, claros. Também este encadeamento aponta para a constituição social de cada um na relação com os outros e de cada ação individual. (GERALDI, 2010. p.9)

São muitos os conceitos em Bakhtin, mas, apesar disso, estabelecem entre si uma relação de proximidade de tal forma que um se apresenta ligado ao outro, sem perder, contudo, a singularidade. Embora não haja dependência entre eles, a compreensão de um é de sobremaneira facilitadora da fundamentação de outros. Assim, pode-se dizer que *Sujeito, Enunciado, Exotopia e Cronotopo, Memória e Acontecimento* caminham juntos na filosofia da linguagem bakhtiniana.

Partindo dessa premissa, cabe neste momento recorrer-se ao conceito de *enunciado*, parte importante para o aprofundamento das discussões, como elemento que favorece o entendimento de como se dão essas relações de interações entre os elementos do campo ora desenvolvido. Para Bakhtin e o Círculo é através dos *enunciados* que são possíveis a interlocução entre *sujeitos* uma vez que:

⁴ A semiose é o princípio pelo qual há a produção de significados, ligados ao sistema de signos de natureza humana ou não, numa relação mútua com o significante, pela linguagem.

Enunciado (*viskázivanie*) é um elo na cadeia da comunicação discursiva e um elemento indissociável das diversas esferas ideológicas (literária, científica etc.) O enunciado sempre responde a algo e orienta-se para uma resposta. A análise do enunciado não pode ser feita dentro dos limites da linguística do sistema: aquela tendência do pensamento linguístico que, por meio de uma abstração, isola a forma linguística do enunciado (“objetivismo abstrato”). (GRILLO; AMÉRICO, 2017, p. 357-358)

O filósofo russo aborda a linguagem na relação entre duas dimensões inseparáveis: a das atividades humanas e a da organização do uso da língua. Neste entendimento, uso da língua se desenvolve na forma dos *Enunciados*. Diferente dos estruturalistas, para quem o objeto de estudos era a língua em si mesma, abordando a sua construção, considerando o morfema como a menor unidade da oração, portanto, como a unidade da língua, para Bakhtin, esta unidade é o *enunciado*. O *enunciado* está relacionado com a estrutura da língua. Nesta perspectiva bakhtiniana, *enunciado* é a unidade do uso da língua que se constrói com o diálogo, na conversação. Pelo *enunciado*, é possível observar o papel ativo do locutor e interlocutor, desenvolvido numa compreensão mútua como participantes dessa interação dialética. O *enunciado* sempre gera e espera uma resposta, de forma responsiva ativa. Esta resposta pode ser verbal ou não verbal, ou até mesmo o silêncio⁵.

Para Volóchinov, é através dos *enunciados* que são possíveis as comunicações entre *sujeitos*, uma vez que:

Se tomarmos o enunciado no processo da sua constituição “ainda de dentro da alma”, a essência da questão não será alterada, pois a estrutura da vivência é tão social quanto a estrutura de sua objetivação exterior. O grau de consciência de clareza e constituição da vivência está proporcionalmente relacionado à orientação social. (VOLÓCHINOV, 2017 p. 207).

⁵ O Professor e pesquisador Villarta-Neder define o Silêncio no Discurso em quatro categorias:

Silêncio por ausência – preponderância, no contínuo um enunciativo, de um cronotopo caracterizado pela ausência de um signo sobrepondo a presença de outro, como atitude enunciativa de segredo, omissão, esquecimento, apagamento. Silêncio por excesso - preponderância, no continuum enunciativo, de um cronotopo caracterizado pela presença de um signo sobrepondo a presença de outro, como atitude enunciativa de digressão, mentira, evasão, distração. Silêncio por não-aparição - preponderância, no continuum enunciativo, de um cronotopo caracterizado por um lugar indeterminado, situação na qual o sujeito não produz signos e não representa o lugar de si, o lugar do outro, o acontecimento e/ou a interação de si com o outro na unidade do acontecimento. Cronotopicamente a temporalidade prolonga a suspensão dessa representação. Atitude enunciativa de nonsense, não-saber. Silêncio como monumento – preponderância, no continuum enunciativo, de um cronotopo caracterizado por um lugar recursivamente representado como mesmo, sobrepondo um signo recorrente em sua forma, sobrepondo o saber sobre si, sobre o outro, sobre o acontecimento e sobre a interação com o outro no acontecimento. Cronotopicamente a temporalidade repete-se como recusa do movimento constitutivo dos sujeitos. Atitude enunciativa de recusa do outro, do sentido do outro e da constituição de si pelo outro; censura, cerceamento da fala e/ou da posição enunciativa do outro (VILLARTA-NEDER, 2019, p. 82-84)

A linguagem se faz presente em toda relação da vida humana. Esta relação se manifesta constantemente pelos *enunciados*. Manifestam-se nas atividades do uso da língua, de forma tal que estejam vivos os dizeres e fazeres, numa relação dinâmica entre *sujeitos*; nas leituras, na vivência, na arte, e em toda e qualquer situação interativa. Procurando entender estes deslocamentos dinâmicos e contínuos, nos quais os sujeitos se constroem e se reconstroem constantemente.

Volochinov (2017) aborda esta premissa de forma bem esclarecedora, ao afirmar que:

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. [...] *Toda compreensão é dialógica*. A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como a réplica opõe-se a outra no diálogo. A compreensão busca uma *antipalavra* à palavra do falante. (VOLOCHINOV, 2017, p. 232)

Pontua-se que a análise do corpus não se dará a partir do olhar do autor, nem de qualquer participante da produção fílmica, mas, do que acredita-se ser o lugar e as visões do personagem. Todavia, tem-se Marc como autor da sua própria história; da sua própria subjetividade, em consonância com a sua *Extralocalização*. Será desse sujeito, os *enunciados*, por, para e dele suscitados, dos seus valores axiológicos e as instâncias cronotópicas; de suas narrativas, expectativas e receios, percebidos de suas memórias. Busca-se com isto pontuar os conceitos percebidos na película.

A compreensão de autor é a que, de acordo com Bakhtin:

O autor é dotado de autoridade e necessário para o leitor, que o vê não como pessoa, não como outro homem, mas como *princípio* que deve ser seguido (só a análise biográfica do autor o transforma em herói, em pessoa definida no existir e que pode ser contemplada. [...]) O autor não deve ser definido por nós como pessoa, pois nós estamos nele, nós abrimos caminho no sentido de sua visão ativa; (BAKHTIN, 2018, p 191)

Pela perspectiva da filosofia da linguagem bakhtiniana o *sujeito* não é estático, antes disso, ele se movimenta através dos sentidos do dizer, fazer, sentir, agir e reagir.

A não repetitividade o faz ser concebido, percebido, em, por e para, outros sujeitos localizados em lugares e tempos outros.

Para o nosso problema, é de suma importância o lugar singular que o corpo ocupa como valor em relação ao sujeito em um mundo singular concreto. Meu corpo, em seu fundamento, é um corpo interior; o corpo do outro, em seu fundamento, é um corpo exterior. (VOLOCHINOV, 2018 p.44)

No mesmo contexto:

Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva. (VOLOCHINOV, 2018 p.275).

Portanto, a linguagem é, por assim dizer, viva e está em constante movimento. Ainda que ela verse sobre o tema morte e suas implicações, como no filme *Reviver*, o fato de ela trazer novos elementos para as possíveis discussões a respeito do proposto a faz ativa, operante e suscitante de outros *Enunciados*, nas mais diversas situações e momentos.

Chega a ser interessante o observar de como Bakhtin e o Círculo construíram a Filosofia da Linguagem pela observação do mundo, nas mais diversas esferas das atividades humanas, de forma que a proporem vários conceitos. Entre estes conceitos estão os Conceitos-chave, de grande complexidade, porém, pautados no cotidiano, seja na arte, na música, ou mesmo na literatura.

Um destes conceitos, é o que atribui tempo e espaço, como uma única unidade; inseparáveis. Trata-se do *Cronotopo*.

Ao analisar as obras de Goethe, Bakhtin apresenta as noções de tempo e espaço, como dimensões diferentes. Em suas primeiras observações, neste capítulo, lê-se inicialmente:

O tempo se revela acima de tudo na natureza: o movimento do sol, das estrelas, o canto dos galos, os objetos sensoriais, visíveis nas estações do ano; tudo isso, em relação indissolúvel com os respectivos momentos da vida humana, dos costumes, da atividade (do trabalho), constitui o tempo cíclico de um grau variado de intensidade. (BAKHTIN, 2018 p. 225)

Percebe-se que, ao citar Goethe, Bakhtin destaca: “Desse modo, chegamos à surpreendente habilidade de Goethe para ver o tempo no espaço”. (BAKHTIN, 2018, p. 231). Concebe-se daí que Bakhtin vê as duas dimensões em separado, tanto assim que um está no outro, ou seja, para que o tempo esteja no espaço, necessário se faz que sejam duas unidades diferentes. Esta compreensão é mais fácil para quando se pensa em tempo e espaço. Porém, não é assim o que o filósofo da linguagem quis dizer com relação ao cronotopo. Segundo o mesmo, para o cronotopo:

Nós daremos o nome de cronotopo (literalmente, "espaço-tempo") para a ligação intrínseca das relações temporais e espaciais que são artisticamente expressas na literatura. Este termo (tempo-espaço) é empregado em matemática, e foi introduzido como parte da Teoria da Relatividade de Einstein. (BAKHTIN, 2010, p. 211).

Nota-se que, por esta linha de pensamento, já não se vê tempo e espaço como elementos distintos, mas, tempo-espaço como uma única dimensão. Tempo e espaço se fundem em uma unidade que apresenta acontecimentos ligados a lugares e tempos, de maneira indissociável; inseparáveis; um compreendendo ao outro. Tempo/Espaço - *cronotopo*.

Na verdade, esta compreensão não tem nada de simples. Há uma complexidade bastante latente neste conceito, porque, até esta colocação, as medidas de tempo e de espaço eram vistas unicamente na singularidade. Agora, compreender esta unicidade duas dimensões exige um certo refinamento nas leituras das propostas do filósofo russo e do Círculo.

Tentando mensurar esta compreensão, pode se pensar, por exemplo, café com leite. Senão, vejamos, nesta composição há o café, com todas as suas propriedades, independentes da forma (quantidade) utilizada para transformá-lo em bebida, e o leite, visto também de igual modo. Até aí, dois elementos em separado. Tão logo aconteça a mistura, não mais pode-se referir ao resultado em separado. O café e o leite, como uma única unidade (elemento) passa a ser Café com Leite. Indissociável; inseparável; um único componente. Assim, bastante simplória, é a compreensão de Cronotopo como uma única dimensão Tempo/Espaço.

Ainda que ao café com leite seja dada, por algum processo químico, ou outro meio qualquer, a possibilidade da separação dos dois elementos, o café e o leite, voltando ambos à sua forma original, no acontecimento, a mesma possibilidade de dissociação entre o tempo e o espaço, o cronotopo, não há como suceder, a menos que seja uma abstração. A unicidade entre tempo e espaço têm caráter permanente.

Nota-se que, a partir deste conceito, as interações humanas passam a ser localizadas em uma dimensão única. Um fato se forma por algo acontecido em um determinado tempo e espaço, não simultaneamente, mas, no mesmo ato. O que vale dizer que cada evento, passará a ser mensurado em uma instância espaço temporal única.

É notório que ao tempo é dada uma dimensão que está diretamente ligada à duração. É por sua duração que o tempo delimita o instante, os segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, uma vida; a eternidade. Não há um limite da sua atuação para que

ele seja percebido como tempo. Semelhantemente, ao espaço também é dada ao espaço uma dimensão, que por sua vez está relacionada a um determinado lugar de sua ocupação. Ambas as unidades, espaço e tempo, vão do nano, micro, macro, ao infinito sem, contudo, estabelecerem entre si uma relação de interdependência. Para se perceber o tempo não há, necessariamente que seja estabelecido um lugar de atuação. Assim também é com o espaço em relação ao tempo. São duas unidades distintas e não se correlacionam.

Bakhtin e o Círculo, porém, conceberam o tempo e o espaço como uma única dimensão, a qual chamaram de Cronotopo, estabelecida pelo acontecimento. Desta forma compreende-se que um evento só é concebido se estiver situado em um tempo/espaço como uma mesma grandeza; única; indissociável.

Os estudiosos russos perscrutam o sujeito na sua plenitude. Percebem-no na sua singularidade e dão-lhe o lugar da extralocalização. E neste lugar, concebem a ele, sujeito, a sua singularidade. O seu todo, concreto, ainda que não de todo acabado. Deste modo, ao sujeito é dado o corpo, que o materializa, e a alma que o aponta para a imortalidade.

À vista disso, Bakhtin pondera:

Mas não há dúvidas de que o problema da imortalidade concerne precisamente à alma e não ao espírito, àquele todo individual e axiológico da vida interior que transcorre no tempo e que vivenciamos no outro, que é descrito na arte pela palavra, por cores e sons; BAKHTIN, 2018, p. 92)

E em seguida completa:

Concerne à alma que está situada no mesmo plano axiológico com o corpo exterior do outro e do qual não se separa no momento da morte e da imortalidade (a ressurreição na carne). (Idem p. 92).

Ainda sobre a alma Bakhtin discorre sobre o lugar da alma no ser, da complexidade que envolve as questões que vão para além da sua formação carnal. Tem-se do filósofo russo considerações que apontam para a teologia, na dimensão que é posta, para ele, a alma é concedida ao home como uma espécie de prêmio.

Destarte:

A alma desce sobre mim como a graça ao pecador, como uma dádiva imerecida e não esperada. No espírito eu apenas posso e devo perder minha alma, esta só pode ser protegida por forças que *não são minhas*. (Idem p. 92)

Lembra-se neste momento o *Excedente da visão estética*, no qual Bakhtin (2018) em - *A forma espacial da personagem* - apresenta a visão do eu exterior, para um entendimento da *Exotopia* ou *Extra localização*.

Assim, observamos que:

Quando contemplo no todo do homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar - a cabeça, o rosto, e sua expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (BAKHTIN 2018, p 23)

Nesse sentido percebe-se que o sujeito se coloca em um lugar para fora de si e assim o contemple no seu todo. Considera-se que a *Exotopia* parte do princípio da concepção de um lugar exterior percebido pelo desdobramento de olhares. É o ver-se fora do seu interior, ou ainda, *Exotopia* é a perspectiva que o outro tem de mim, que jamais será a que tenho de mim mesmo. A interpretação que o outro tem de mim está calcada apenas na sua visão do meu exterior. Isto permite dizer que somente eu tenho como perceber o todo de mim, pelos olhos do outro; ver-me do meu interior e perceber me pelo meu exterior; eu sou um ser social e histórico, cuja constituição depende continuamente do encontro com outros. Essa percepção vem da consciência.

Bakhtin trabalha a consciência, como território social, lugar que ele concebe também à memória. Tal consideração dá ao sujeito a possibilidade de assumir as memórias como sendo suas, desde a origem, de forma que, pelos enunciados, ele manifesta a representação que tem de seu lugar no mundo, no diálogo com o outro. Pelo devir, porque tudo é movimento, nada está definitivamente acabado. O enunciado sempre suscita outro enunciado. Uma memória suscita outra memória. A linguagem está sempre em movimento. Tudo na vida é irrepitível. Pela interação dialógica, de forma que:

"Eu tomo consciência [*memória*] de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. Os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (como o tu)." (BAKHTIN, 2018, p. 341) Grifo meu.

Nota-se uma compreensão do *ser-evento*. Ser para o outro. O verbo se finca em uma tradição fenomenológica. Só há revelação para uma consciência. No caso, para a

consciência do outro. Sou porque coexisto; aconteço, junto com o outro (*sobytie*). Mas há uma questão interessante: não sou passivo em relação ao outro. Eu ME revelo ao outro. Isso nos mostra o caráter ativo do ato do sujeito. Ao mesmo tempo, é um ato de se revelar ao outro através do ato revelador de si para o outro. O eu que pratica a dúvida, só pode fazê-lo em relação a outra consciência.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2011, p. 348)

De acordo com Villarta-Neder (2019) *sobytie* está diretamente ligada ao acontecimento; no acontecimento produzido pela coexistência com um fazer conjuntamente. Assim temos:

Há uma palavra em russo, событие (*sobytie*), que pode ser traduzida tanto por acontecimento, quanto por evento. Ainda utilizada cotidianamente na Rússia, foi usada pelos autores do Círculo, especialmente, por Mikhail Bakhtin, principalmente em *Para uma filosofia do Ato Responsável* (142 vezes) e em *Estética da Criação Verbal* (310 vezes). (VILLARTA-NEDER, 2019, p.32)

Esta compreensão se amplia pelo sentido produzido, pelo pesquisador, ao complementar sua explanação:

Essa palavra apresenta uma particularidade, que tem que ser levada em consideração na tradução. É derivada da palavra бытие (*bytie* - ser, existência), precedida pelo morfema со (procedência, estar junto, vir de fora para o centro). Событие remete a algo que ocorre no mundo, mas enfatizando a vivência conjunta desse evento, a um fazer junto. (Idem, p. 32-33).

A memória está fincada no acontecimento, diretamente ligada ao cronotopo, pela exotopia, deste olhar para o exterior que faz do sujeito um ser por inteiro, na alteridade. Nesse sentido, a cada deslocamento no espaço/tempo é que ele vai se (re) constituindo; (re) significando. Este é um movimento elíptico, dando a impressão de retorno ao mesmo ponto, mas, na verdade em um outro lugar temporal.

Ver-se no seu exterior é pôr-se na sua memória, do passado, posto pela memória do futuro. Tudo que eu projeto, planejo e dou como acabado, ainda como plano vindouro, está

posto na minha memória do futuro, por não existir o acabamento. Quando isto é exposto para o outro faz-se memória do passado. Ao dar ao outro saber qual é a minha vontade é dado como passado. Constituir-se em um tempo/espaço já percorrido, passado ou, em uma dimensão que, ainda que se posto nela, é dado como algo que está por vir, futuro. Daí tem-se a memória como consciência.

O enunciado se dá no tom emotivo volitivo no acontecimento. Ele é irrepitível, por não ser possível a repetição do acontecimento. A memória é também uma forma de enunciado. De igual modo ela também é irreprevisível. A memória não é dada como acabada, mas, em movimentação.

O sujeito também constituído por suas memórias. Da visão do seu todo; do seu interior e do seu exterior. A memória que ele tem de si difere da que ele tem do outro. Desta forma, para Bakhtin, o sujeito diferencia a visão que o sujeito tem de si e do outro.

Assim temos que:

A memória sobre o outro e sua vida difere radicalmente da contemplação de minha própria vida: a memória vê a vida e seu conteúdo de modo diferente, e só ela é esteticamente produtiva (o elemento de conteúdo pode, evidentemente, proporcionar a observação e a lembrança de minha própria vida, mas não o ativismo que lhe dá forma e acabamento. (BAKHTIN, 2018, p 98)

Pode-se perceber com isto que Bakhtin se refere ao sujeito como por inteiro, concebido na e pelas suas memórias.

A memória comporta-se como o enunciado⁶. Da mesma maneira que um enunciado se articula com outro enunciado, que suscita outro, e mais outro, num elo em cadeia levado ao infinito, na interação dialógica entre sujeitos, no acontecimento, a memória comporta-se de maneira semelhante. Uma memória evoca, motiva outra memória.

No filme, marcadamente nas cenas iniciais, percebe-se isto, uma vez que a reanimação do personagem tem início com um parto. Este parto dá a nítida impressão de que o período de criopreservação é a representação da gestação. Deste lugar, de sujeito criogenado, é que Marc, movido por suas memórias, de passado e de futuro constrói as suas narrativas.

O processo da criogenia não interrompe a condição de morte do paciente, pois, o procedimento de criopreservação só acontece após a morte, mas, de certa forma, prolonga a vida, no sentido da conservação dos tecidos, a uma razão de quatrocentas vezes mais que a

⁶ Segue-se aqui o mesmo viés analítico de Lima, 2019

natural. Supõe-se que a criopreservação mantém em suspensão não somente o homem físico, mas, há a expectativa de uma reanimação do homem com o seu todo: seu corpo, sua alma e suas memórias. Pela criogenia espera-se uma vivificação plena ao estado que antecedeu a sua morte.

3 ANÁLISE

3.1 Observações metodológicas

A película é rica em elementos que favorecem a nossa discussão, e com os quais, exporemos nosso entendimento de como podemos dar conta dos conceitos abordados neste trabalho. Recorreremos ao cotejo como forma a não fazer esta proposta ampla, para além do que é o seu propósito.

Pontuamos aqui que não procederemos nossa análise a partir do olhar do autor, nem de qualquer participante da produção fílmica, mas, do que supomos ser o lugar e as visões do personagem. Serão desse sujeito os enunciados, por, para e dele suscitados, dos seus valores axiológicos e das suas instâncias cronotópicas; de suas narrativas, expectativas e receios. Lançaremos o nosso olhar, para o que visualizamos, nos conceitos percebidos na película.

3.2 Uma análise bakhtiniana de *Reviver*

Reviver começa com um parto que traz em si a ressurreição como começo de vida. A partir do momento que Marc (no filme o processo completo na criogenia, como objeto, é chamado de Projeto Lázaro. Nesse sentido, daqui por diante, trataremos o processo como PL) re-nasce ele pergunta: “quem sou eu? ”. Essa questão dialoga com o entendimento do pesquisador russo, quando o sujeito se posiciona como *eu*. É a partir desse lugar, onde ele se põe frente a si, que toda ficção se desenrola; deste lugar, nessa pessoa é que ele se vê como sujeito outro, em lugares outros, nas três instâncias de vida, quais sejam: a da vida inicial, o do período em estado de conservação e a da vida pós reanimação, cronotópico, de forma que espaço e tempo são tidos como única dimensão, e axiológico, conservados os valores da ética, do direito e da moral.

Nesta compreensão é que iremos nos apoiar, buscando demonstrar como estes conceitos da corrente do pensamento bakhtiniano se manifestam, tendo como *corpus* o filme *Reviver*. Lançado em 2017, com duração de 1 hora e 51 minutos, é um drama que conta a história de Marc, dirigido por Mateo Gil, produzido pela dupla Ibón Cormenzana e Ignasi Stapé e interpretado por Tom Hughes, que é diagnosticado com câncer e uma expectativa de vida de um ano, e por isso, decide optar pela criogenia na esperança de que

um dia ele venha a ser ressuscitado. O drama segue com ele finalmente ressuscitado, no ano de 2048, após passar por todo processo da criogenia.

Ao discorrer sobre o corpo Bakhtin aponta que:

O corpo interior – meu corpo como elemento da minha autoconsciência – é um conjunto de sensações orgânicas interiores, de necessidades e desejos reunidos em torno de um centro interior; já o elemento externo, como veremos, é fragmentário e não atinge a autonomia e plenitude, tem sempre um equivalente interior que o leva a pertencer à unidade interior. (BAKHTIN 2018, P.44)

Já de imediato tem-se a relação do conceito de *cronotopo* dos elementos presentes no filme em análise, dadas estas três instâncias. Para que se alcance esta compreensão, necessário se faz considerar tempo e espaço como uma única dimensão dialética – cronotopo.

Nessa premissa é que nos orientamos no sentido de que seria impossível a compreensão de como esse sujeito passaria por todo processo de criogenia, nas suas três instâncias, sua vida inicial, a que antecede a criogenização, do período em suspensão criogenia e a reanimada, fase final do PL, se não fosse dentro da mudança de espaço e tempo sem que este deslocamento se desse de forma única, e não simultânea.

Não se vislumbra a possibilidade de estabelecer-se um lugar outro, em um tempo outro, separadamente, no P L, uma vez que o sujeito teria que estar inserido neles em um outro acontecimento⁷, dentro do acontecimento. Seria como ver o tempo na situação de totalmente excluído do grande tempo. Aqui tem-se a nítida compreensão do cronotopo e sua dimensão tempo/espaço indissociáveis.

Como dissemos anteriormente, dois outros conceitos surgem neste momento e faremos uma abordagem deles, o que vai nos favorecer na sequência de nosso propósito. Falamos do acontecimento e do grande tempo. No nosso entender o grande tempo é o que configura os fatos em um determinado tempo, porém, que se estende para outros tempos, para o todo.

Quanto ao acontecimento nosso entender se amplia um pouco mais. Embora a tradução do termo original do russo *sabýtie (событие)* pode ser entendido como acontecimento e evento, percebemos uma ligeira diferenciação entre ambos. Evento seria, na conceituação que se propõe aqui, por assim dizer, algo posto no tempo e espaço com

⁷ Bakhtin trata o tempo como “não o mundo criado pelo ato, mas o mundo no qual o ato toma consciência de si mesmo e se desenvolve”, do lugar “onde trata de realizar responsabilmente a única verdade do fato e do sentido em sua unidade concreta”. (BAKHTIN, 1997: 39)

começo, meio e fim, pré-determinados. Como exemplo pensemos em um congresso. Há uma data prevista de início, uma programação para o planejamento, os acontecimentos durante sua realização e um término, que embora possam não se cumprirem fielmente, está no campo das previsões. Entendemos por acontecimento o processo no qual

Mesmo que eu conheça inteiramente uma dada pessoa, e também conheça a mim mesmo, eu ainda tenho de captar a verdade de nossa inter-relação, a verdade do *acontecimento* único e unitário que nos liga e do qual nós somos participantes. (BAKHTIN, 2010, p 35)

Voltemos ao filme. Marc, quando se vê na iminência do fim de sua vida, já esgotados todos os esforços para uma recuperação do câncer que o acomete, vislumbra na criogenia a única forma de burlar o estado morte.

A velocidade com que o tempo avança é enorme. No filme, a preocupação imediata do personagem Marc, ainda na fase inicial de preparação para o processo de criopreservação, é percebida no momento de sua fala dos preparativos iniciais: “Eu preciso morrer antes que a doença acabe comigo. “Eu preciso ter alguém do meu lado, quando isso acontecer”. (20’11”). Sua preocupação era, nesse instante, abreviar a sua morte, no sentido de que o câncer não o acometesse de maneira tal que todo seu organismo ficasse comprometido, dificultando assim a sua cura futura, tão logo fosse restabelecida sua vida, com a ressurreição, pelo processo da criogenia.

Os enunciados constituem os sujeitos e são constituídos por eles, na interação. A interação não é uma coisa neutra; é dialógica; ela está sempre em movimento. Tem-se na linguagem a (re)significação do sujeito, que se interage através dos enunciados. Esta se dá na relação com o outro. É a posição que o outro irá ocupar ou ocupa, que me constitui como sujeito. Da mesma forma, é do lugar que o *eu* ocupa, que ele constitui o outro, fora de si. O sujeito não age puramente de forma individual, ele age na interação com o outro. Ele expressa se, enquanto ser no mundo, de forma dialética e dialógica.

Assim sendo:

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. (BAKHTIN, 2018, p. 371).

Cada circunstância percebida no filme vai nessa direção. Na interação do homem com o mundo, movido pelas suas vontades, embora haja situações adversas, alheias às suas

vontades; vontades estas dependentes da sua relação com o outro. Uma destas surge em forma de dúvida e envolve uma situação ligada diretamente às questões teológicas. “E a alma? Talvez se perde quando se congela a carne e volta a se descongelar (...) mudar conforme o movimento” (1:26:40). Marc se depara com uma dúvida que o leva ao campo da extra materialidade do ser.

Quanto maior for o distanciamento de si, mais amplo se torna o universo exterior do sujeito, e este afastamento pode ocorrer no cronotopo, para uma dimensão na qual tempo e espaço sejam vistos como único componente, tal qual proposto por Bakhtin em seu *Estética da Criação Verbal -ECV*.

O que observamos na criogenia é que, fora do campo da literatura, os conceitos se manifestam em atos concretos, uma vez que, considerando o seu sucesso, o que agora é ficcional deixará o campo das dúvidas e especulações para experiências vividas do ser. As narrativas dos sujeitos darão a exata compreensão de unidade de tempo e espaço, imanescentes, ou seja, a temporalidade deslocada em consonância com o espaço, dada a indissociável constituição do sujeito nas três etapas do processo de criopreservação. Em cada uma delas, o estado *vida* (considerando-se que, ainda que em suspensão, para a fase 2 do processo, haja vida) passa por situações específicas nas instâncias: vida primária, processo de suspensão e, por fim, o retorno à vida ativa, após ressurreição.

Isto evoca aspectos que vão ao encontro ao ponto de vista teológico: “E, assim como aos homens está ordenado morrer uma só vez, vindo, depois disso o Juízo”. (Bíblia – Hebreus, 9:27). Nesse sentido o autor da Carta aos Hebreus exorta para uma única vida, não havendo possibilidades de ressurreição, a não ser a Apocalíptica, também bíblica, como o Apóstolo Paulo deixa claro na sua carta aos Tessalonicenses: “Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro”. (BÍBLIA, I Tessalonicenses 4:16).

Considerando estas duas citações bíblicas a criogenia está fadada ao fracasso, porém, a Bíblia diz no livro do profeta Daniel que “a ciência se multiplicará” (Bíblia, Daniel 12:4). Então, pode se imaginar que o avanço da ciência se daria a tal ponto que será possível a criogenia ser uma realidade, ainda que em tempos futuros? Naturalmente que sobre esta questão, com certeza, só o futuro dirá. No entanto, possivelmente outras interpretações teológicas podem existir de maneira tal que faça da criogenia uma prática possível de alcançar sucesso e que não contraria em nada o que a Bíblia diz.

Billy Graham, renomado teólogo cristão, segue essa linha de raciocínio na interpretação desse conceito. Ele disse em um dos seus sermões que: “A morte não é o fim,

Comentado [MV1]: Referência incorreta

mas o começo de uma nova dimensão de vida – a vida eterna (...) Pela sua ressurreição de entre os mortos, Jesus demonstrou que existe vida após a morte. (PENSADOR FRASES E PENSAMENTOS, 2018, p.1) - (acesso em 09/03/2020)

É claro que isto não evidencia a possibilidade de o mesmo ocorrer com os humanos, já que em muitos aspectos o homem se difere dos outros animais, mas, de certa forma, amplia a probabilidade do êxito do processo.

No PL Marc reflete sobre esta possibilidade quando, em Reviver (1:23:40) ele diz: “E a alma? Talvez se perde quando se congela a carne e volta a se descongelar”. Como visto, Bakhtin tem uma compreensão da alma em relação à imortalidade.

No campo jurídico, principalmente no que concerne ao direito do poder pátrio, diz a nossa Constituição que: “A existência da pessoa natural termina com a morte; presume-se esta, quanto aos ausentes, nos casos em que a lei autoriza a abertura de sucessão definitiva”. (CC – Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002, Art. 6º), portanto, como o procedimento só é permitido pela Constituição brasileira nos casos de pós morte, a discussão se inicia sobre o direito de si e per si, do homem, aqui visto como ser humano e não como gênero masculino, de que o poder pátrio cessa com o evento morte.

Não há uma legislação específica sobre o tema, mas, muito já se tem discutido a respeito, e há inclusive, no Brasil, o caso de uma disputa, entre duas irmãs, onde uma delas reclama o corpo para um sepultamento nos modos comumente praticados e, por outro lado, a vontade da outra filha que deseja ver cumprido o último desejo, com ela firmado junto ao pai, de que ele permaneça em estado de criogeniase. Ele encontra-se criogenado desde o evento de sua morte⁸.

Nossa proposta tem embasamento no exposto pelo filósofo russo, quando trata da questão da temporalidade específica do sujeito em relação a um tempo mais amplo:

Esse futuro absoluto do sentido que me opõe seus valores e faz frente a toda a minha temporalidade (a tudo o que é já-aqui em mim) não é o futuro temporal que continua a *mesma vida*, mas um futuro em que é sempre possível e necessário transformar *formalmente* essa vida, atribuir a ela um novo sentido (a última palavra da consciência). (BAKHTIN, 2003, p.136)

⁸ Vale lembrar o Direito Constitucional garantido da manifestação de última vontade, não podendo, entretanto, ignorar-se o direito às sucessões. O que se percebe é, em relação às questões ora colocadas, considerações de que estas serão levadas à outra temporalidade em relação ao ser, enquanto vivo, para o caso da necessidade de solucionar possíveis demandas judiciais.

Todo este entendimento sobre o seu lugar no mundo e o seu entorno é advindo do conhecimento elaborado, construído na/pela memória, propiciando, assim, a capacidade de interação com o outro, no que concerne a produção da linguagem através dos enunciados que, em cadeia, suscitam outros enunciados.

Toda compreensão do mundo como um todo se dá no campo do entendimento do homem no homem, começando pela sua subjetividade, uma vez que “Qualquer antecipação do sentido, por mais completa e perfeita que seja (determinação para o outro e no outro), de dentro de mim, é sempre subjetiva;” (BAKHTIN, 2003, p.138)

Logo, a memória é a instância da interação. É o lugar das manifestações das emoções, anseios e desejos, no agora, no depois, possíveis de serem manifestos pelo que veio antes. “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas o contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que se modela e determina sua orientação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988, p. 112)⁹.

Compreender como a memória atua nas atividades da vida humana é perceber as esferas de atuação dos sujeitos do diálogo e os processos discursivos.

Bakhtin aponta que:

Todas as tentativas de penetrar no acontecimento real a partir do interior do mundo teórico são sem esperança; é impossível abrir o mundo conhecido teoricamente do interior do conhecimento próprio até atingir o mundo real singular. No entanto, partir do ato-como-ato não das transcrições teóricas, há, portanto, uma saída que efetua seu conteúdo de sentidos, que é integralmente aceito e incluídos do interior deste ato, porque o ato realiza-se realmente no ser (BAKHTIN, 2003, p. 32)

Ampliando nossa absorção, ainda em concordância com a corrente filosófica do Círculo,

As fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade da comunicação verbal, são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos locutores. Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-resposta dos outros (...). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar a compreensão responsiva do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes. (BAKHTIN, 2003, p.300)

⁹ Utilizamos, aqui, a tradução brasileira da tradução francesa, porque, nessa, a menção a “atividade mental” dialoga melhor com o presente trabalho.

Dois momentos do filme que nos remetem a pensar como se dá a memória, em conformidade com o pensamento de Mikhail e o Círculo, se dão quando Marc diz: “Eu nunca te falei do dia que morri ...eu escolhi um dia qualquer” (1:29:00); “Viver de novo valeu a pena” (1:31:00). Então, analisar o filme considerando este acontecimento, percebemos como se concebem as memórias, seja a memória do passado, ou, memória do futuro.

Assim, temos que:

Não posso deixar de ser ativo nesse objeto, isso implicaria revogar-me em meu sentido, transformar a mim mesmo apenas em máscara do meu ser; eu sou em mim mesmo uma mentira para mim. Posso esquecer o objeto, mas então ele deixará de existir para mim; só posso recordá-lo axiologicamente no antedado dele (renovando a tarefa), não posso recordar a sua presença. Para mim, a memória é a memória do futuro, para o outro, a memória do passado. (BAKHTIN, 2018, p. 114)

A linguagem não se dá dissociada do sujeito. Sem sujeito não há enunciado. Sem enunciado não há interação; não há diálogo. Por sua vez, sem diálogo não se concebe os espaços temporais, os acontecimentos, a compreensão do ser como um todo, da sua unidade e do seu lugar no mundo. Todos estes conceitos estão imbricados para provocar sentidos à existência.

O que marcadamente representa esta existência é a compreensão histórica dessas sucessões dialógicas, dadas pela e na memória. Esta possibilidade se sustenta na proposta de Bakhtin, no livro *Estética da Criação Verbal* sendo esta premissa explicitada de maneira que se perceba o cronotopo na constituição histórica dos sujeitos, ainda na análise das obras de Goethe.

Situar o sujeito na história é concebê-lo no cronotopo, no acontecimento.

Vê-se isto claramente em Bakhtin ao afirmar que:

O vestígio autêntico, o sinal da história é humano e necessário, nele o espaço e o tempo estão ajustados em um bloco indissolúvel. O espaço terrestre e a história humana são inseparáveis entre si na visão concreta integral de Goethe. É isto que na sua obra torna o tempo histórico tão denso e materializado e o espaço tão humanamente compreendido e intenso. (BAKHTIN 2018, p 242)

No filme em questão percebe-se este Marc histórico, constituído por sua vivência no acontecimento, prospectado e projetado pela sua exotopia existencial, cronotopicamente. A sua plenitude se funde no tempo (do passado, presente e futuro).

Esta visão vai na mesma direção da percepção de Bakhtin ao analisar Goethe:

Resumamos nossa análise prévia da visão do tempo em Goethe, cujos traços essenciais são: a fusão dos tempos (do passado com o presente), plenitude e a precisão da visibilidade do tempo no espaço, a inseparabilidade entre o tempo do acontecimento e o lugar concreto de sua realização (o presente e o passado), o caráter criador-ativo do tempo (do passado no presente e do próprio presente), a necessidade que penetra o tempo localizado, vincula-o ao espaço e vincula os tempos entre si; por último, com base na necessidade que penetra o local, a inclusão do futuro que conclui a plenitude do tempo nas imagens de Goethe. (Idem, pp 244-245)

Esta citação, um tanto quanto longa, fez-se necessária dada a complexidade da proposta inicial desta análise.

A compreensão histórica do homem no mundo é possível de ser percebida, em *Reviver*, entendendo-se que “Tudo no mundo é *tempo-espaço, cronótopo autêntico*” (BAKHTIN, 2018, p.245).

Todo este entendimento vem dos enunciados que, nesse elo expressivo da compreensão do sujeito que percebe de si, do lugar fora de si pela exotopia, no acontecimento, em diversos cronotopos, compreendidos nas leituras de Bakhtin e o Círculo, e perceptíveis nas cenas do filme, destacadamente na de quando Marc, em recuperação depois de sua reanimação, põe-se diante do espelho (37:51) Por ela percebe-se a presença do passado, presente e futuro, possível de ser percebida por inteiro, tão somente do lugar que o personagem põe-se, no lugar para fora de si. Seu tempo no acontecimento do instante¹⁰, na memória do passado e na memória do futuro, que não seria possível de ser compreendido no todo, senão pela constituição de um espaço-temporal (cronotopo) para cada visão, em separado, no evento. Vale dizer que ao olhar no espelho Marc se vê, por um relance de tempo, uma imagem de si velho; enrugado; uma visão que ele experimenta na projeção de si para um momento ainda não vivido (memória do futuro). No entanto, esta imagem retrocede ao que ele seria no passado.

Percebe-se que o cronotopo não é estabelecido em uma compreensão de duração, porém, no deslocamento do espaço e tempo, indissociáveis. Independentemente se por um relance em um lugar bem pontual, ou por um tempo/espaço mais amplo. levado ao infinito.

¹⁰ Pode parecer redundante falar em “acontecimento do instante”, mas, como já comentado anteriormente, o termo em russo designa algo além do evento propriamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se neste trabalho uma compreensão responsiva ativa dos conceitos da filosofia da linguagem do pensador russo, Mikhail Bakhtin e do Círculo, e, neste aprofundamento alcançamos conclusões que vão de encontro aos objetivos propostos nele.

É inegável como o filme *Reviver*, usado como *corpus* para esta análise, contribui e muito para a possibilidade desse intento. O tema nele explorado, a criogenia, dadas as condições dos processos para o seu êxito, trouxe elementos que possibilitaram uma visão mais aprofundada sobre Sujeito, Enunciado, Extralocalização, Cronotopo e as questões que envolvem as memórias do passado e do futuro.

Esta averiguação permitiu, também, dar para a Memória um significado igual à noção de consciência (em termos bakhtinianos). Notou-se que a memória está fincada na instância da interação, e isso ocorre tanto com a Memória do Passado, quanto com a Memória do Futuro.

A memória também é irrepetível, e de igual modo se estabelece no e pelo diálogo; assim como enunciado suscita outro enunciado, uma memória provoca e é provocada por outra memória. A memória se desloca ora para o passado, ora para o futuro, e isto só é possível de ser compreendido conferindo à memória é papel semelhante ao dado para enunciado; com a mesma função: a de produzir sentido.

Então, vale dizer que compreender como a memória atua nas atividades da vida humana é perceber as esferas de atuação dos sujeitos do diálogo e os processos discursivos. Tem se, então, que: o fato de a memória se comportar como enunciado, a nítida ideia de como a linguagem situa o homem, pela memória, como sujeito nas artes, na história, na vida e no mundo.

Como dito introdutoriamente, o fato de o filme ser dividido em capítulos, e cada um tratar de um momento específico, deu amparo para o desenvolver deste TCC.

Com este Trabalho de Conclusão de Curso foi alcançado perceber que pela compreensão da filosofia da linguagem bakhtiniana o *Sujeito é* constituído sempre na relação com o outro; é a representação de si, pela compreensão do outro. É posto em um lugar pela percepção do outro, pela consciência; é dado como concreto, porém, não como acabado, uma vez que o sujeito está sempre em processo, processo pelo devir – estar sendo, por estar sempre em movimento; ao sujeito não é dada uma finitude, entretanto, ele ocupa um lugar único que jamais será ocupado pelo outro, e é desse lugar que o sujeito chama o

outro e é chamado por ele. O sujeito é compreendido pelo outro, na interação, pelo diálogo. Pela sua responsividade responde e suscita enunciados, continuamente.

Com esta pesquisa foi possível perceber a inovação que há na filosofia da linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin, qual seja, somente através do diálogo entre os sujeitos do discurso é que se estabelece a interação. Esta interação procede através dos enunciados e sua cadeia enunciativa. O enunciado é o elemento compreendido com a unidade do uso da língua. É o enunciado quem dá, por assim dizer, vida ao diálogo. Gera e espera uma resposta ativa e responsiva.

A memória também é irrepetível, de igual modo se estabelece no e pelo diálogo; assim como enunciado suscita outro enunciado, uma memória provoca e é provocada por outra memória. A memória se desloca ora para o passado, ora para o futuro, e isto só é possível de ser compreendido conferindo à memória papel semelhante ao dado para enunciado; com a mesma função: a de produzir sentido. Então, vale dizer que compreender como a memória atua nas atividades da vida humana é perceber as esferas de atuação dos sujeitos do diálogo e os processos discursivos.

Tem se, então, que: o fato de a memória se comportar como enunciado, dá a nítida ideia de como a linguagem situa o homem, pela memória, como sujeito nas artes, na história, na vida e no mundo.

Ainda que no final do filme Marc confesse: “A criogenia me deu a esperança. Ela me deu a fé que eu não tinha, para morrer em paz. E a verdade é que eu nunca pensei que eu não seria revivido. Eu ter feito o que eu fiz me deu um plano a ser seguido e isso me deu uma certa ordem das coisas.” (1:29:55), falando de como se deu o início do processo da criopreservação para si, e logo adiante “Viver de novo valeu a pena”, momentos nos quais ele confessa querer morrer definitivamente, o filme traz momentos intrigantes e emocionantes, onde o *sujeito*, nos diversos cronotopos (espaço/tempo indissociáveis), possibilita o entender de como podem tempo e espaço acontecerem como uma única unidade. Isto se faz possível pela maneira de como os *enunciados* se encadeiam de forma dialógica, que suscitam outros *enunciados*, factíveis que são na interação exotópica do ser, através dos fatos e acontecimentos, possíveis de serem (re)contados, graças às memórias do passado e do futuro.

Aprofundando nas leituras de Bakhtin e o Círculo, na maneira como, desenvolveram a filosofia da linguagem, a partir de minha experiência como sujeito, constituindo-se nas muitas vozes das muitas culturas brasileiras (no plural), vem a memória da expressão gaúcha *gaudério da vida*. Gaudério é uma expressão gaúcha, certa feita

ouvida de um deles, e diz respeito ao viajante que, não totalmente alheio ao tempo e ao percurso da viagem, se mergulha na paisagem e nos acontecimentos dela, com o intuito de enriquecer seus conhecimentos. O gaudério une tudo a tudo ao dar sentido concreto à vida. Gaudério acima de tudo é o sujeito que dialoga com o seu entorno. Este trabalho, aqui provisoriamente concluído deu a seu autor a possibilidade de ver isso no filme, no personagem e no próprio ato de construir a escrita desse TCC.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. 4. tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail M. **O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária**. In: Questões de literatura e estética: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução do russo, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do Ato**. Tradução da versão em inglês Towards a Philosophy of Act. Austin: University of Texas Press, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 5.ed. Rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Rio de Janeiro: Hucitec, 1988.
- EDITORA ABRIL. SUPERINTERESSANTE. **O que é criogenia humana?** 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-criogenia-humana/>>. Acesso 15 mai. 2020.
- EDITORA ABRIL. SUPERINTERESSANTE. **O rato ressuscitou**. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/o-rato-ressuscitou/>>. Acesso 15 mai. 2020.
- GERALDI, J. W. **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 3.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011
- BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/1ts/4/13-17>>. Acesso em: 15 mai. 2020.
- LIMA, Caroline A. **SUJEITO E MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA A PARTIR DO MUSEU DA PESSOA**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Letras. Universidade Federal de Lavras, 2019, 37p

PENSADOR FRASES E PENSAMENTOS. Disponível em:
<https://www.pensador.com/frase/MTMwOTY4OA/> Acesso em 09 mar. 2020.

SARRETA, Cátia Rejane Liczbinski; Clarissa Lopes Alende Sgarioni Criogenia: A Morte, **O Direito e o Futuro incerto.; Cryogenics: Death, The Right and The uncertain future**, 2016. Disponível em:
<https://cbra.websiteseguro.com/pages/publicacoes/rbra/v35n1/pag3-15.pdf> Acesso em 03/08/2020.

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio. **Atos responsáveis e intersubjetividade: uma trajetória acadêmica de fazer junto. Dossiê em homenagem ao Professor Dr. João Bôsko Cabral dos Santos**. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p. 27-40, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online). 33

VOLÓCHINOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Volkovo Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.